



Director literario:

*Arquibaldo Campesina*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

*Eduardoollalá*  
PAPUSSE

## Aventuras de Pim, de Pam e de Pum



*Zé Banana é um senhor  
De barriga respeitavel;  
Sadio, forte, com cor,  
É, como pessoa, amavel.*



*Sempre depois de jantar,  
P'ra fazer a digestão,  
Val um pouco passear  
A barriga de balão.*



*Pim, Pam e Pum, que souberam  
Dos passeios, em seguida,  
A si próprios propuzeram,  
Fazer-lhe grossa partida.*



*Na Rita fruteira, então,  
Bananas foram comprar;  
Deitam as cascas no chão,  
Que o Banana, ia pisar.*



*E o Banana duma figa,  
Escorregou e caiu,  
Por sobre a sua barriga...  
Um grande estouro se ouviu!!!*



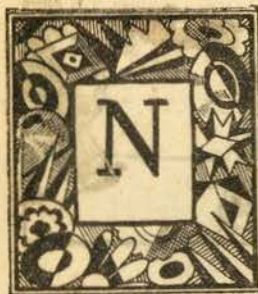
*E, ao vê-lo estatelado,  
Diz o Pum, num vozeirão:  
— O Banana, abananado,  
Esvasiou o balão!!!*





# A FLORESTA ENCANTADA

CONTO POR FRANCISCO MANUEL VENTURA JUNIOR  
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



UMA pequenina cabana, isolada no centro da floresta, vivia uma pobre viúva cultivando um canteirinho de terreno, tendo como unico companheiro um seu filho chamado Anélio. Ora um dia a boa velhinha adoeceu, e sentindo-se muito mal, chamou o filho e disse-lhe:

— Olha, filho. Eu estou muito doente e não me posso levantar. Como a gente já não tem nada para comer, toma

esse dinheiro que aí está e vai à cidade comprar qualquer coisa para nos sustentarmos.

— Que quere que eu traga?

— Tu logo vês o que é mais barato. Vê lá não deixes perder o dinheiro!

— Não deixo, não senhora.

E dito isto pôs-se Anélio a caminho. Quando chegou lá muito adeante, viu dois caminhos, um para cada lado; sem se preocupar continuou a andar por um deles, o que ia para a esquerda.

Anélio, andou por muito tempo, atravessou montes e vales sem ter fim, e sem que em parte alguma encontrasse a cidade. Já o sol declinava para o horizonte e ainda ele continuava a andar sem descanso, a procurar por toda a parte.

Sentia fome, a sede apertava-o; mas, a lembrança de que sua mãe necessitava dos seus recursos, deu-lhe coragem para continuar a jornada. Tornou a voltar atrás, caminhou outra vez para a frente a ver se encontrava o verdadeiro caminho, mas tudo isso foi baldado. Até que por fim, — e já era quasi sol-posto — caiu sobre uma pedra, cheio de fadiga e morto de cansaço.

Foi então que reparou que se tinha enganado no caminho. E agora, que fazer ali? Como passar a noite no meio de uma floresta onde as feras pululavam? E ao lembrar-se de que sua mãe ficaria só no mundo, sem ter ninguem que a ajudasse, começou a chorar. De repente, ergueu-se cheio de susto. Um leão enorme, medonho, acabava de aparecer por detrás de uma árvore, atroando a floresta com um rugido enorme. Anélio, cheio de medo, recuou até uma árvore, mas qual não foi o seu espanto ao vêr que a árvore se abria mostrando-lhe uma abertura por onde se poderia refugiar. Sem pensar em mais nada, entrou e foi descendo

por uma escada que mergulhava no terreno, enquanto cá fóra ressoava uma praga enorme.

Alguns degraus andados e viu-se numa sala monumental, toda cheia de maravilhas. Mesas, panoplias com as armas mais diversas, armários, quadros com as mais lindas paisagens, era tudo de um amarelo brilhante, tudo dourado. Estupefacto, sem saber o que devia fazer, viu de subito abrir-



se outra porta, pela qual se avistava um maravilhoso jardim. Aguilhoado pela curiosidade, entrou; mas então a sua estupefacção foi maior! Se na sala havia riquezas sem pár,



no jardim eram inegaláveis. Todas as plantas, desde a mais humilde das ervas à flor mais nobre e magestosa, era tudo composto de ouro, prata e pedrarias das mais formosas.



Foi andando, andando, não sabendo que admirar mais, se as florinhas singelas e delicadas ou as enormes palmeiras cujas folhas reluziam aos últimos raios do sol. Aqui, uma rosa magestosa, ostentava as suas pétalas de pérolas vermelhas; além, uma linda violeta oferecia o seu aroma enebriante; por toda a parte havia maravilhas sem fim.

Ao chegar a um lindo craveiro, Anélio não se conteve por mais tempo e colheu um cravo vermelho; mas ainda mal os seus dedos frágeis o tinham tocado, e já ele via junto de si um lindo lago, onde uma formosa gaivota

sobre as águas, com os olhos chorosos como se sofresse muito, ao mesmo tempo que dizia: — Salve-me, senhor! Salve-me!

— Salva-la? Mas como?

Neste momento, duas enormes cobras avançaram para ele que, cheio de susto deixou cair o cravo dentro do lago. No mesmo instante o lago e a gaivota desapareceram e na sua frente erguia-se agora uma linda menina, de olhos cõr do céu e de cabelos cõr do sol, que lhe estendia a mão dizendo: — Obrigado! Com o teu susto salvaste-me do meu cativoiro.

— Oh! Mas quem sois?

— Sou a princesa Linda Flor, filha do rei Milene e da rainha Cravelina, que há dez anos um génio maldito que anda na forma de leão, encantou neste jardim. Agora que tu me desencantas-te vou eu desencantar meus pais.

E Linda Flor colheu um ramo de açucenas, tocou com ele nas cobras que imediatamente se transformaram no rei e na rainha que, loucos de alegria, logo se abraçaram à filha. Depois de agradecerem ao seu salvador, combinaram em sair dali. Deitaram a correr pelo jardim, atravessaram a sala e subiram a escada; mas quando iam a sair, saltou-lhes à frente o leão, cheio de raiva, disposto a devora-los a todos. Então o rei puxou pela espada e cortou-lhe a cabeça. O leão deu um grande estoiro e desapareceu numa nuvem de fumo. No mesmo instante, a floresta transformou-se numa linda cidade, que era nem mais nem menos que a capital do reino. A grande árvore que tinha a escada transformou-se num lindo palácio, por cuja porta principal começou a sair uma multidão de meninas bonitas, que tinham estado também encantadas. E por ordem do rei foram buscar a mãe de Anélio que já não estava doente. O rei para premiar a sua acção, casou-o com a princesa Linda-Flor e ficando seu sucessor no trono. Houve muitas festas, bailes, jantares, que até eu lá comi um bolo tão doce, que era de se lhe lamber os dedos e chorar por mais.

Anélio e Linda Flor, tiveram muitos filhos, e viveram por largos anos na mais completa das felicidades.

## F I M

Do livro «No mundo das maravilhas», em preparação.

## UMA HISTORIA VERDADEIRA

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

Um pouco além do campo da batalha, frades piedosos, prestavam os primeiros socorros aos feridos, e ajudavam a bem morrer os agonisantes.

Repentinamente, um punhado de infiéis, investiu por entre os cristãos, e ameaçava cair sobre os desventurados feridos; já um alfageme se elevava sobre a cabeça dum frade que levava o Santíssimo Corpo e Sangue de Jesus, quando João, que o ardor da luta trouxera ali, arremessou-se para a frente, cobrindo com o seu corpo de gigante o portador do Senhor.

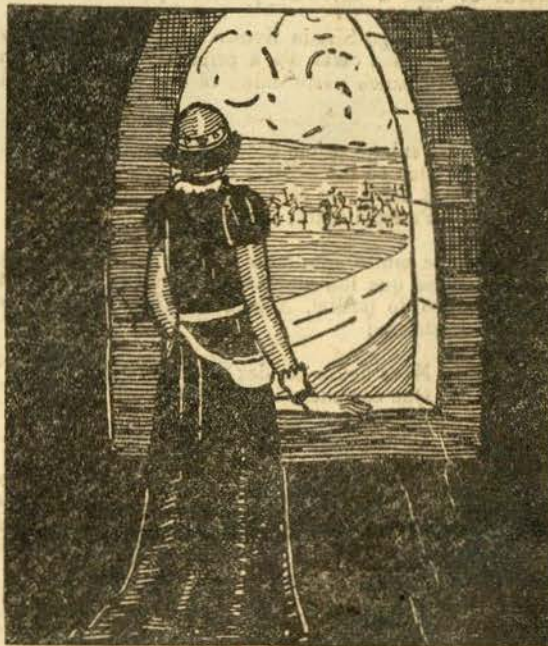
Mais turcos vieram, e a espada leal do cristão, bateu-se por momentos contra uma dezena de alfagemes, dando tempo ao irade para se afastar.

Por fim, brotando sangue de mil feridas, a cota rasgada, o elmo despedaçado, a espada torcida, o cavaleiro João caiu banhado no seu generoso sangue, por sobre os corpos dos inimigos de Jesus Cristo.

Nêsse mesmo momento, num longinquo convento dominicano, Sava, ruidá por misterioso mal, expirava rodeada pela comunidade.

Enlaçados em místico amor, subiram para o céu, as almas da virgem, e do guerreiro-martir.

Resplandecentes hostes de anjos formavam-lhes honrosa escolta, e diante do trono de Deus, a palma do martírio, rútila de sangue, foi dada a João, e a fronte pura de Sava, foi coroada com os virginais lírios da inocência.



E assim terminou a história verdadeira, da linda castelã Sava, e do heroico cavaleiro João.



# AS PARTIDAS DA PRINCESINHA LIRU

CONTO E DESENHOS  
DE  
EDUARDO MALTA



RA uma vez uma princesa chamada Lirú, lindíssima e muito boa, mas grande amiga de brincar e de fazer partidas.

Ora a princesa tinha um primo chamado o príncipe Sisudo, que era o contrário dela, muito orgulhoso, cheio de boa fé e sempre muito aprumado e sério.

A princesa, que embirrava com as maneiras do príncipe,

passava os dias a inventar partidas para lhe fazer.

Como o príncipe Sisudo tivesse um lindo cabelo preto, caído em caracóis, certo dia a princesa, no jardim, indicando-lhe um banco perto duma roseira, disse-lhe meigamente:

Venha o primo descansar,  
Que eu lhe penteio os cabelos...  
E depois de os pentear,  
Pasmam todos, só de vê-los!

O príncipe muito admirado daquela gentileza e porque gostava imenso que lhe mexessem na cabeça, foi sentar-se logo no banco do jardim. A princesa fingindo que o penteava, ia cantando:

Meus dedos são dez meninos,  
Que comandados por mim,  
Andam fazendo, traquinicos,  
Do teu cabelo um jardim.

E enquanto assim cantava, a princesa em lugar de pentear o príncipe, ia-lhe enrodilhando os cabelos nas hastes da roseira. Quando já estavam todos muito bem enrodilhados, a princesinha desatou a rir e, andando em volta dele, começou a trocar:

Quem na Lirú se fiou,  
Em parvinho se tornou!

Em parvinho se tornou,  
Quem na Lirú se fiou!

O príncipe quiz ir atrás dela e, como não poude, pôs-se

a gritar em altos berros. Acudiram logo dois pagens negros que tentaram desprender os cabelos do príncipe, estando, seguramente, uma hora sem que nada conseguissem.

Então, o príncipe, já cansado e com lágrimas nos olhos, mandou buscar uma tesoura e cortou, êle mesmo, os seus maravilhosos cabelos.

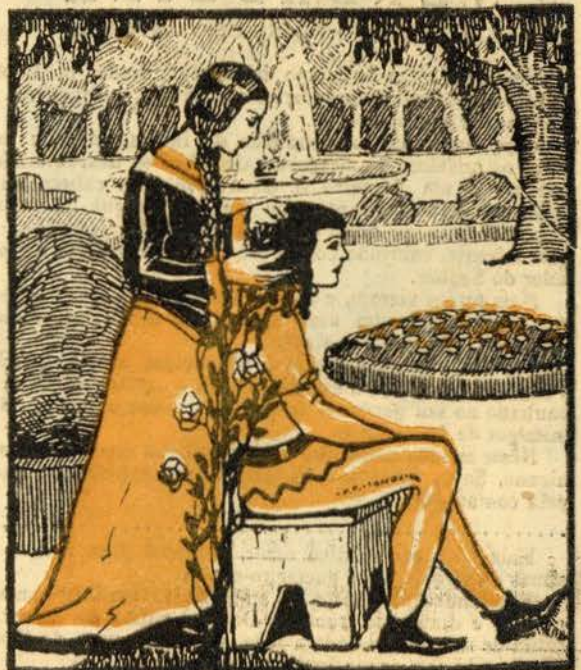
No dia seguinte, houve no palácio uma grande festa, à noite. Os salões estavam cheios de luz, de reis, de gente fidalga e de sedas.

O príncipe Sisudo, vestindo o seu melhor trajar, todo de ouro e rendas, andava de salão em salão, muito direito e muito sério.

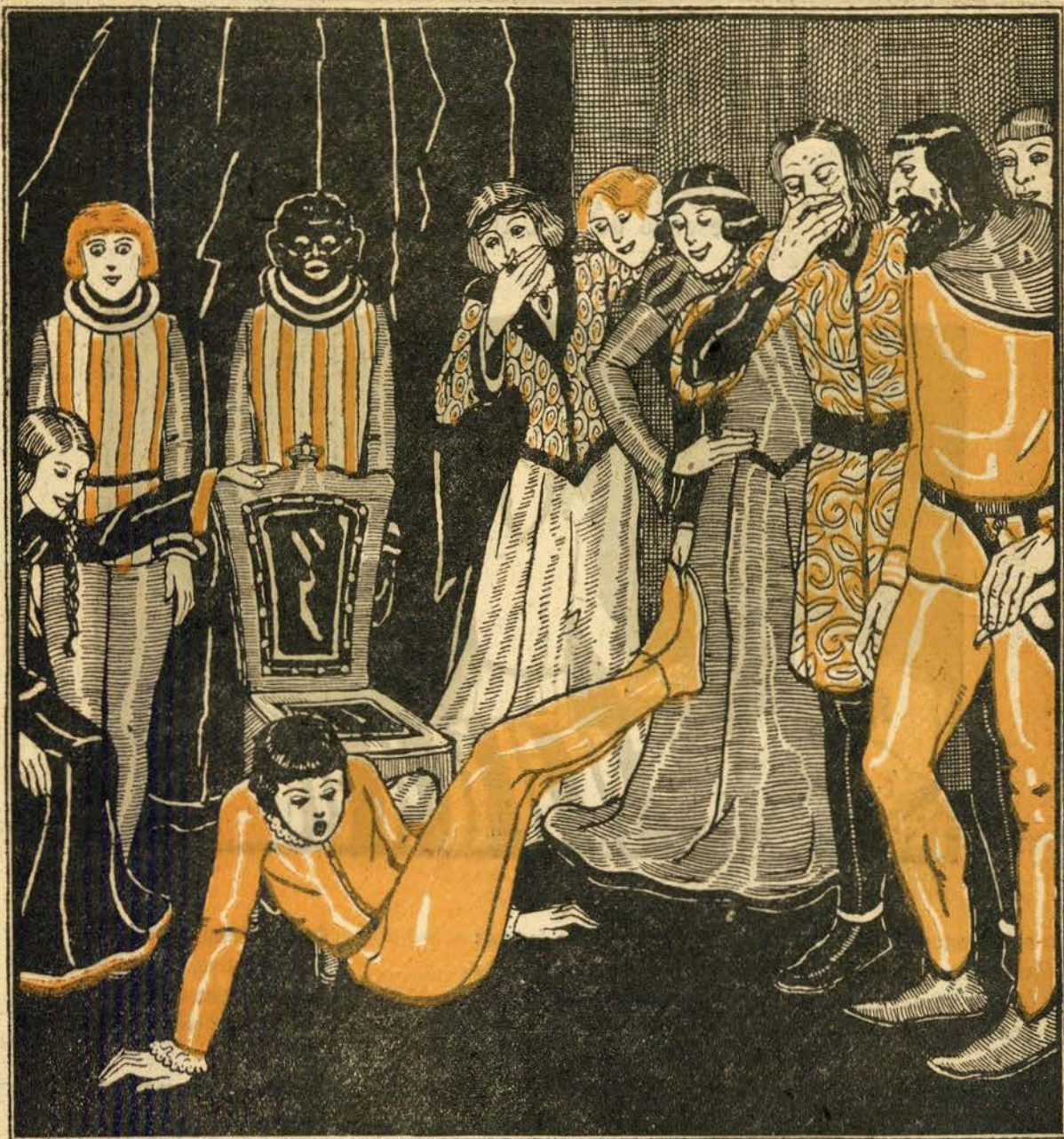
A princesa Lirú ao vê-lo assim tão cheio da sua pessoa, chamou-o com muita ternura e disse-lhe:

Meu primo, logo que o vi,  
Pensei falar-lhe um bocado;  
Tem esta cadeira aqui,  
Venha sentar-se ao meu lado.

E, muito toleirão, o príncipe Sisudo ia a sentar-se na cadeira, mas a princesa puchou-a para traz, e, catrapuz...







o príncipe deu um grande trambulhão. Foi um grande escândalo e toda a gente da corte riu ou abafou o riso.

Quando o príncipe se ia a levantar, muito envergonhado, a princesa disse-lhe baixinho, agarotadamente:

Quem na Lirú se fiou,  
Em parvinho se tornou!

E o príncipe Sisudo, fulo, muito encarnado, foi para o seu quarto e não apareceu mais essa noite.

E o príncipe, na sua boa fé, fechou os olhos, abriu a boca e pôs a língua de fóra. A princesa Lirú logo tirou as mãos detrás das costas, e despejou na língua muito vermelha do príncipe, um cartuchinho de pimenta. O príncipe com a boca a escaldar, como doido, dava pulos, berrava e bebia copos de água, uns atrás dos outros. A princesa fugiu e, passado momentos, mandou por um pagém loiro, um cartão ao príncipe, que dizia:

Quem na Lirú se fiou,  
Em parvinho se tornou!

No dia seguinte, estava o príncipe Sisudo a merendar, quando apareceu a princesa, com as mãos atrás das costas e rosto bemfazejo, que lhe disse:

Se quere uma coisa, agora,  
Que de tão doce ache pouca,  
Vá, deite a língua de fóra,  
Feché os olhos, abra a boca.

No dia seguinte, mal o sol nasceu, a princesa Lirú levantou-se, pegou numa enxada e foi para uma das ruas do jardim, cavar, cavar, até fazer uma enorme cova, aonde coubesse uma pessoa em pé. Depois, com hastes finas de

*Continua na última página.*



# O SONHO DO BÉBÉ

Versos de HIGINO PESSOA  
Desenho de EDUARDO MALTA



No seu branco leitosinho  
Bébé sonha um lindo sonho,  
Porque se vê um risinho  
No seu rostito risonho.

Sonha Bébé que uma fada  
Dum certo reino encantado,  
Lhe vem pôr a mão nevada  
No seu hombro desnudado,

Dizendo, com voz gentil,  
Onde ha bondade, ternura:  
— Tu vais ter venturas mil  
No meu Reino da Ventura.

Vais ser rei da minha gente  
— Como tu, bem pequenina —  
Num castelo, reluzente,  
Da pedraria mais fina;

Terás cavalos fogosos  
Todos arreados d'oiro,  
E pagensinhos mimosos  
De lindo cabelo loiro;

Tuas vestes onde eu puz  
Diamantes d'encantar,  
Serão mais brancas que a luz  
Do mais argenteo luar,

Serei, pois, tua madrinha  
Como a melhor, que o é,  
Abandona essa caminha  
E vem comigo, Bébé.

— E os meus lindos soldaditos,  
E o meu cavalo amarelo,  
Poderão ir, coitaditos,  
Comigo, para o castelo?

— São de chumbo os teus soldados  
E não podem caminhar,  
Ficarão aqui guardados  
A dormir, a descansar...

Ouviu Bébé a madrinha  
E quedou-se, a meditar...  
Depois disse à Fadasinha:  
— Não te posso acompanhar;

Sou o grande comandante  
Deste lindo pelotão,  
Não o deixo um só instante,  
Pode come-lo o papão!

D'entusiasmo a vibrar,  
Ordena, com voz de rei:  
— Soldados: a dois formar!  
Eu nunca vos deixarei.

No seu branco leitosinho  
Bébé sonha um lindo sonho,  
Porque se vê um risinho  
No seu rostito risonho.



# HORA DO RECREIO

## Balões dirigiveis

Faz-se um furo em cada extremidade de um ovo fresco, agita-se bem o ovo para misturar gema e clara, sopra-se por um dos buracos para fazer sair pelo outro a mistura e temos o ovo vazio.

De posse de dois ovos assim preparados, vamos cingilos de arame, como mostra a fig. de fôrma a podermos pendurar debaixo de cada um, um dedal, e suspendel-os de dois garfos espetados numa rolha.

Aquece-se a casca do ovo sobre uma chama de alcool, e mergulha-se em seguida em água; produziu-se um vácuo parcial pelo aquecimento e alguma água penetrou no ovo.



Tapemos um dos buracos dos ovos com lacre e enchamos de alcool os dedais presos aos arames.

Temos deste modo obtido o aspecto de um *carroussel* formado por dois balões dirigiveis.

Para o pôr em movimento basta largar fogo ao alcool, cuja chama não tardará a fazer ferver a água.

Logo um jacto de vapor se escapará pelo orificio do ovo, e a reacção do ar será bastante para repudiar a casca, que começará a girar como um verdadeiro balão a vapor; por este efeito de recuo o movimento continuará enquanto houver agua no ovo e alcool no dedal, com grande espanto dos vossos juvenis espectadores a quem podereis dar, aproveitando a oportunidade, uma pequena lição de física.

## Ferver agua sem lume

Enche-se dois terços de agua um copo sem pé; applica-se um lenço na abertura metido no interior de modo a ficar em contacto com a superficie do liquido. Dobra-se em seguida o lenço exteriormente em volta do copo e vira-se este de repente com a boca para baixo. A água não cairá.

Anuncia-se então que vamos fazer ferver esta agua no copo, sem empregar outro calor que não seja o da própria mão. E para justificar esta pretensão applica-se a mão esquerda no fundo do copo, ao mesmo tempo que com a direita se



vai esticando o lenço de modo a ficar perfeitamente tenso, na abertura do copo, como uma pele de tambôr. Ouvir-se-há então a agua a ferver e grandes bolhas elevar-se-hão através da agua agitada como se realmente ella fervesse, e sem calor aparente.

Em vez de vapor é apenas ar que atravessa a água, e este efeito é obtido da maneira mais simples. Esticando o lenço na abertura produziu-se um vacuo parcial no interior do copo, e é o ar exterior que, passando atravez dos poros do tecido, e precipitando-se para preencher aquele vácuo, causa a singular fervura.

## A NEDOTAS

1.<sup>a</sup>

Um homem pacato, indo apartar uma desordem entre vizinhos, quebrou-lhe um dêles a cabeça. Veio o cirurgião curá-lo, e começou por examinar se lhe tinham ofendido o cérebro. — Escusa de cansar-se em me procurar os miolos, — atalhou o ferido, — porque, quando me fui meter na bulha, já os não tinha.

2.<sup>a</sup>

Certo individuo analfabeto, estando a conversar com alguns amigos, recebeu um bilhete em que um vizinho lhe pedia um burro emprestado. Olhou para o bilhete e, não querendo mostrar que não sabia ler, disse ao portador:

— Fico siente. Lá me tem daqui a bocado.

J. D. S. J.

## IV VOLUME DA BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM

A MELHOR E A MAIS BARATA

# LANTERNA MAGICA

Contos maravilhosos por José S. RAU  
Ilustrações de EDUARDO MALTA

E' amanhã posto á venda



## Continuação do conto «As Partidas da Princesinha Lirú»



Aos gemidos do príncipe, acudiu um jardineiro que o puchou para cima e o levou ao tanque para que ele lavasse a cara e as mãos, da terra que o sujara.

No dia seguinte, a princesa poz-se à janela, propositamente triste e pensativa. O príncipe ao vê-la a sua prima assim, perguntou-lhe com doçura:

— Porque estás hoje tão triste?

E a princesa respondeu-lhe:

— Contou-me hoje, uma aia, que existe um pássaro raro



pinheiro e folhas de figueira fez uma tampa subtil para a cova, deitando-lhe areia por cima para a disfarçar de forma, que ninguém desse por ela.

Passados uns minutos o príncipe Sisudo, descia a magnífica escadaria do palácio que dava para o jardim. A princesa acenou-lhe de longe e quando já vinha perto dela, disse-lhe graciosamente, do lado de lá da cova:

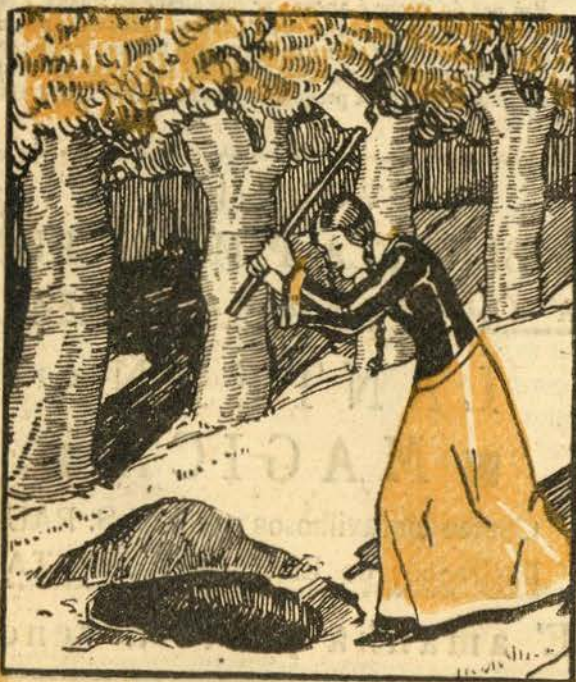
Bons dias! Estou em festa  
Por o vêr já levantado!...  
Venha beijar-me na testa,  
Não seja mal educado.

O príncipe deu mais dois passos, mas ao terceiro o chão faltou-lhe e, pumba, caiu dentro da cova.

A princesinha desatou a fugir e a cantar em alta voz, menciando a cabeça e os braços:

Quem na Lirú se fiou,  
Em parvinho se tornou!

Em parvinho se tornou,  
Quem na Lirú se fiou!



e lindo, chamado Piopardo, que quem o tiver engaiolado, terá a vida mais felis do mundo.

Disse-me também que ás tardinhas, aparece um, no canto do jardim ao pé do muro... Gostava tanto de o ter!

Se mo pudesse apanhar, nunca mais lhe faria uma partida.

O príncipe, muito contente, prometeu logo que sim e, a princesa continuou:

— O primo, logo à tardinha, leva um saco que lhe vou dar, e vai para o canto do jardim; depois de lá estar, põe-se muito quieto com o saco aberto nas mãos á espera do Piopardo. Se o passarinho demorar mais que meia hora, para o tentar a vir depressa, o primo tem que cantar baixinho esta canção:

A minha vida é um fardo,  
Que não ato, nem desato;  
Tem dó de mim Piopardo,  
Vem para dentro do saco.

Continua no próximo número.